

SUBJETIVAÇÕES EM MEIO À VIDA UNIVERSITÁRIA: APRENDER INVENTIVO NUM TEMPO DE ESCRILEITURAS

LISANDRA BERNI OSÓRIO¹; CARLA GONÇALVES RODRIGUES²

¹Universidade Federal de Pelotas – lisandra.osorio@ufpel.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas – cgrm@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho articulou um estudo quantitativo a uma intervenção em grupo e teve por objetivo capturar modos de subjetivações em interface com o aprender que se circunscreve em meio à vida no ambiente universitário. Para além de critérios avaliativos e paradigmas psicológicos, buscou-se a temática do aprender sob o viés das Filosofias da Diferença, perpassando pelo escopo da inventividade (KASTRUP, 2007). Encontrou-se, em Deleuze (2000; 2010), a ideia de que o pensamento produz uma diferença quando é coagido pelo encontro com os signos que o forçam, desdobrando, daí, algo que lhe confira novo sentido. Adotou-se a concepção de subjetividade em Guattari (2012, p. 19), a qual se remete ao “conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posições de emergir como território existencial [...]”, em intensidades intersubjetivas. Os modos subjetivos são produzidos pela captura de elementos no tecido social, acolhendo e emitindo multiplicidades, em uma construção coletiva viva (GUATTARI; ROLNIK, 2013).

Parte-se de um contexto educacional que se encontra em constante mudança diante da crescente diversidade demográfica e sociocultural, face às novas formas de ingresso no ensino superior, como o SISU (Sistema de Seleção Unificada), em que se constatou um aumento de 82% no índice de não aproveitamento acadêmico de bolsistas da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) da Universidade Federal de Pelotas, no período de 2012/2 a 2013/2. Isto é, seja por dificuldades de aprendizagem, seja por sofrimento psíquico e/ou outros motivos, os alunos não alcançaram o mínimo de 70%, adotado como um dos critérios de permanência nas bolsas, condição entendida como fundamental à continuidade dos estudos. Sobre o crescente baixo aproveitamento acadêmico, pergunta-se: Como as subjetivações discentes vêm sendo produzidas em interface ao seu aprender em meio à vida universitária?

2. METODOLOGIA

Tal questão impulsionou, no primeiro ano de pesquisa (2014), à realização de uma análise documental (LUDKE; ANDRÉ, 1986) com 557 alunos que não atingiram a média de 70% em 2013/1. Para isso, criou-se uma ficha orientadora dos dados concernentes às características sumárias encontradas no acervo da PRAE, contemplando características sociodemográficas (idade, naturalidade), do contexto familiar (perdas, separação de pais) e da situação acadêmica (histórico de notas e outros ligados à instituição) dos alunos. Os dados foram trabalhados por meio dos softwares EPI INFO e SPSS, utilizando-se dos testes estatísticos ANOVA e Teste-*t* para realizar a análise das variáveis em exposição, associando-as ao aproveitamento acadêmico, articulando-o ao método cartográfico.

No segundo ano da investigação (2015), selecionou-se, do total de sujeitos investigados, um grupo com 12 alunos, os quais participaram de cinco oficinas com temas existenciais, colhidos no campo empírico em que a pesquisadora se vê implicada, como psicóloga da PRAE desde 2010, a saber: liberdade, solidão, corpo, desejo e amor. Os discentes foram escolhidos o mais heterogeneamente

possível (sexo, natureza do Curso, semestre, lugar de origem), considerando atravessamentos subjetivos que deram pistas no momento do pesquisar quantitativo, tais como perdas, atestados de saúde e acompanhamento psicológico. Adotou-se o método cartográfico de pesquisa-intervenção, a qual “se faz em movimento, no acompanhamento de processos, que nos tocam, nos transformam e produzem mundos” (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 73).

Nas referidas oficinas operou-se com escribeleituras¹ (CORAZZA, 2011), as quais perfilam pelo processo de “escrita-pela-leitura” ou vice-versa, engendrando uma produção textual de fruição que se encontra aberta à multiplicidade de acoplamentos que o leitor possa construir. Trabalhou-se a interlocução de três áreas – Arte, Filosofia e Ciência, dando a ver um modo de aprender inaugural. Para compor a cartografia criou-se uma personagem-psicóloga que sofreu transformações na trajetória, surgindo a necessidade de fabular personagens-aprendizes. No *intermezzo* do campo analítico estiveram os dados quantitativos, o diário de campo, os encontros com o grupo de alunos, seus escritos nas oficinas e fora delas, por meio do “Inventário de um aprendiz”².

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados quantitativos revelaram que as variáveis com relação significativa ao aproveitamento acadêmico foram: idade, naturalidade, estado civil, ter filhos e acompanhamento psicológico. Articula-se que a predominância da faixa etária entre 20 e 23 anos (39,7%), conjuga-se com outros estudos, como em Nonticuri et al. (2014). No entanto as menores médias estiveram entre os discentes de 30 a 57 anos. Problematiza-se o que açaíbarca a juventude no contemporâneo, afastando-se da concepção de produção de subjetividade que consista em “regulamentar a passagem de uma faixa etária para a outra” (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 37). Destaca-se que a menor média estava para estudantes que moravam com suas famílias (33,5%), contrapondo a concepção de Neves e Dalgalarro (2007), a qual preconiza que residir com a família resulta em bem-estar ao estudante. Quanto à naturalidade, as menores médias estiveram para os estrangeiros (12,5%). Contudo, o número mais expressivo (52%), esteve entre os alunos de Pelotas, o que refutaria a hipótese que maiores dificuldades existiriam com maior força para discentes de fora. Conjugando a menor média para os alunos que tinham filhos (27,2%) e que mantinham matrimônio (28,4%), percebe-se a dificuldade intrínseca ao ser jovem, na suposta vida adulta, com família constituída, sobretudo percebem-se modos subjetivos que deixam brechas para a invenção (DELEUZE, 2000). O sofrimento psíquico discente destaca diferenças do aproveitamento de 2013/1 entre ter (27,2%) ou não (35,3%) acompanhamento psicológico. Em alguns estudos, como o de Zago (2006), encontra-se a presença da depressão e ansiedade ligada à falta de confiança na capacidade de desempenho, desencadeamento de distúrbios psicosomáticos, produzindo adoecimento. Essas características são demonstradas em Nonticuri, et al. (2014), em que 38% dos moradores da casa do estudante da UFPel descrevem sofrer influência emocional em suas tarefas e 50% não se percebem com boa saúde. Contudo, conforme Guattari (1993, p. 16): “Sempre vejo o traumatismo mais como uma construção, do que como alguma coisa sofrida”, sente-se a potência de vida do aprendiz, “devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis”

¹“Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida”, refere-se a um Projeto aprovado pelo edital nº 038/2010, vinculado ao Programa Observatório da Educação (OBEDUC) e coordenado pela professora Sandra Mara Corazza, da UFRGS, ao longo de quatro anos (2011 a 2014).

² Caderno entregue aos participantes das oficinas para escrever, desenhar, expressar, o que fizesse força em seu pensamento.

(DELEUZE, 2013, p. 14). Entre inúmeros dados, o índice de infrequência em 2013/1 (61%) ganha protagonismo e, aliado ao de reopção (11%), demonstram as dificuldades que o aluno enfrenta para se vincular à Instituição, onde “a ‘falta de base’ do aluno pode levar a reprovações sucessivas em determinadas disciplinas e, muitas vezes, ao abandono do curso” (ADACHI, 2009, p. 31).

Após saltar o trampolim quantitativo, foi possível capturar subjetivações nas oficinas, por meio de escrileituras e do encontro com signos no processo cartográfico. Na articulação dos modos de subjetivação com o aprender inventivo (DELEUZE, 2000; 2010; KASTRUP, 2007) percebe-se que a inventividade nem sempre é possível, haja vista que se encontrou **(1)** um estudante aprisionado e com medo, interpelado por subjetivações capitalísticas, que o vulnerabiliza. Territórios existenciais que emergem a partir das condições que possibilitam ao aluno, constituir-se enquanto aquilo que se espera dele, quer seja na sexualidade, na religiosidade ou no contexto da Universidade. Estar no ensino superior transforma-se em *uma obrigação que me fazem acreditar necessária* (Alice); *precisei tomar decisões e claramente entrei em conflito comigo mesma, pois o que eu desejava ia contra o que esperavam de mim* (Borboleta). Em meio a uma pluraridade de vozes, vê-se **(2)** um estudante que tenta traçar linhas de fuga aos modos estruturantes de uma sociedade regida por modelizações. Ao fugirem de coisas que os afetam, é acionada “uma inteligência involuntária que sofre a pressão dos signos e só se anima para interpretá-lo, para conjurar, assim, o vazio em que ele se asfixia” (DELEUZE, 2010, p. 92). Os jovens buscam outros jeitos de se posicionar, tentam escapar de uma sociedade serva de valores econômicos. Alunos, escultores da existência que transpõem os imprevistos em sobrevivência: *não vejo a hora de me formar e ganhar mais que quatrocentos reais de uma bolsa* (Aladim). Microvazamentos de paradigmas educacionais: *algo que avance das salas de aulas, que não fique apenas como teoria estagnada, sem uso, teoria por teoria, não é nada* (Capitão) - um jovem que cria problemas (DELEUZE, 2000). Observam-se ritornelos subjetivos de **(3)** um estudante que vive processos de desterritorialização e reterritorialização: ora se encarna em uma representação endurecida (ao ver-se obrigado a algo); ora vivencia frestas de liberdade (ocupações, movimentos estudantis); ora fura o tecido das relações com o que lhe afecta (quer um social, um psicológico, um ambiental) (GUATTARI, 2012), pois *as coisas que acontecem, nas interações com as pessoas é um reflexo de dificuldade dentro e fora da universidade onde os problemas penosos interferem muito na aprendizagem* (Julieta).

4. CONCLUSÕES

Os resultados indicaram que o baixo aproveitamento acadêmico relaciona-se menos com dificuldades cognitivas e mais com contingências do contexto acadêmico, sofrimento psíquico e heterogeneidades, emergindo subjetividades cambiantes (GUATTARI, 2012). Se aprender, como afirma Kastrup (2007), passa por bifurcar a cognição, a política da invenção mantém o aprender sempre em curso. Logo, não se pode dizer que o discente universitário não passou por aprendizagens por ter atingido um percentual abaixo de 70% no aproveitamento acadêmico. Diante das distintas geografias, variados modos de composição familiar, diferentes tipos de moradia, diversos vínculos com a Universidade, as singularidades estudantis ganham expressões que são transversalizadas pelos modos de ser e estar jovem em meio à vida.

Assim, os dados quantitativos, as oficinas, as subjetivações indissociadas das aprendizagens, as multiplicidades da Instituição, provocaram transformações na pesquisadora, produzindo uma cartografia que reverbera, no campo

problemático, a chance de pensar novas práticas. Uma Clínica que articule educação, psicologia, filosofia e escrileituras. Um olhar ético e político para com as necessidades de existência em constante metamorfose. Um aluno, suas aprendizagens, seu não aproveitamento, suas doses de exagero, suas linhas de fuga – singularidades que lhe permitem criar um novo território, uma subjetivação inventiva. Trata-se de um coletivo que aprenda, inventivamente ou não, que crie vacúolos no pensamento para emergir outras formas de fazer, sentir, pensar, ler, escrever as coisas do viver. Se o sintoma era visto como a ponta do iceberg de um mundo inconsciente, amedrontado pelos traumas, passa-se a compor, como força de resistência que pode transformar um desvigor provisório num desassossego que põe em estado de emergência o novo como potência de vida.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADACHI, A. A. C. T. **Evasão e evadidos nos cursos de graduação da Universidade Federal de Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Educação). Belo Horizonte, Programa de Pós-graduação em Educação. Faculdade de Educação, UFMG, 2009. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/HJPB-7UPMBA>> Acesso em: 02 jan. 2015.
- CORAZZA,S. M. **Projeto de pesquisa:** Escrileituras: um modo de “ler-escrever” em meio à vida. Plano de trabalho. OBS da Educação. Edital 038/2010. CAPES/INEP. Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, setembro de 2011.
- DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Lisboa: Relógio D’Água, 2000.
- DELEUZE, G. **Proust e os signos**. 2^a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- GUATTARI, F. Guattari na PUC: Encontro de Félix Guattari com o Núcleo de estudos e pesquisa da subjetividade. Programa de estudos Pós-graduandos em Psicologia Clínica. PUC-SP. In: **Cadernos de Subjetividade**. v.1, n.1.PUC-São Paulo, 1993, p.9-28.
- GUATTARI, F.. **Caosmose:** um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 2012.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica:** cartografias do desejo. 12^a ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- KASTRUP, V. **A invenção de si e do mundo:** uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- LUDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU; 1986.
- NEVES, M. C. C.; DALGALARRONDO, P. Transtornos mentais auto-referidos em estudantes universitários. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria** v. 56, n. 4. Rio de Janeiro, 2007.
- NONTICURI, A. R., SCHRAMM, R. C., SOUZA, J. A., OSÓRIO, L. B., KUNRATH, R. J., RODRIGUES, C. G. Estímulo à aprendizagem mediante a promoção da saúde dos alunos da UFPel: uma tarefa transdisciplinar. XVI ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Pelotas, Brasil. Anais... ENPOS, Pelotas, 2014. p. 1-4. Disponível em: <http://cti.ufpel.edu.br/cic/arquivos/2014/CH_01422.pdf>. Acesso em: dez. 2014.
- ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Rev. Bras. de Educ.** (Rio de Janeiro). 2006; v. 11, n. 32, p. 226-237.